

**O erótico no imaginário brasileiro:
as palavras e a corporeidade**
*The erotic in the Brazilian imagination:
Words and corporeality*

Pierre Normando Gomes da Silva
Eunice Simões Lins Gomes
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Compreendemos que os atos da fala são constituídos por campos sociais, e os campos sociais são subjetivados pelos enunciados. Língua e cultura se entrelaçam numa trama de constituição recíproca e intersubjetiva. Nesse pressuposto, objetivamos identificar no imaginário social brasileiro, como as “palavras de ordem” definem a corporeidade dos indivíduos na vivência de suas emoções. Fazemos isso a partir da análise social e psicanalítica da definição do termo erótico nas versões do Dicionário de Aurélio Ferreira. No léxico, o erótico é tido como coisa suja, uma emoção própria do corpo feminino, mestiço, pobre e pagão. Assim, uma mentalidade cultural que torna a emoção erótica como infame e o sentimento do amor um fenômeno cerebral-afetivo, ativa o fascínio pela morte: iguala-se o corpo a excremento e dessexualiza a vida.

Palavras-chave: corpo; erótica; amor.

Abstract: We understand that speech acts are constituted by social fields, and social fields are subjectified by utterances. Language and culture are intertwined in a scheme of intersubjective and reciprocal formation. On this assumption, we aim to identify, in the Brazilian social imagination, how “certain words” define the corporeality of individuals experiencing their emotions. We do this from the social and psychoanalytic analysis of the definition of term erotic in versions of the Aurelio Ferreira Dictionary’s. In the lexicon, the erotic is considered as something dirty, a particular emotion of the female body, mestizo, poor and pagan. Thus, a cultural mindset that makes the erotic emotion infamous and the feeling of a cerebral-affective phenomenon activates the fascination with death: the boy becomes equal to the excrement and desexualized life.

Keywords: Body; erotic; love.

O imaginário, o corpo e os atos da fala

Se perguntássemos aos gregos clássicos sobre os significados do termo erótico, certamente terminaríamos remontando suas mitologias. Há várias mitologias gregas para contar a origem e natureza de Eros. Uma das mais antigas, antes

mesmo da Teogonia de Hesíodo (século VIII a.C), relata que por ocasião do encerramento de um banquete no Olimpo, em razão do nascimento de Afrodite (Vênus), surge Pênia (Pobreza), esquelada, vem mendigar os restos da mesa. Porém, antes de ir às sobras da mesa, vê Poros (Recurso) que está embriagado no jardim de

Zeus(Júpiter), então, resolve ter um filho com ele. Sem ruído, deita-se ao lado de Recurso. Acaricia-o. Desperta-o. E concebe o filho desejado: Eros, o Amor.

Sobre o destino do filho de Pênia, diz a mitologia: “será para sempre companheiro e servo da Beleza. E para sempre também será duplo. Porque da mãe herda a permanente carência e o destino de andarilho. Do pai, a coragem, a decisão, a energia que o tornam astuto caçador, ávido do Belo e do Bem. Das duas heranças reunidas decorre sua sina singular: nem mortal nem imortal. Ora germina e vive — quando enriquece. Ora morre e de novo renasce. Perenemente transita entre viver, morrer e ressuscitar”, palavras de Civita (1973, p.33).

Resolvemos destacar essa mitologia pela sua complexidade, ela delineia dois perfis, contraditórios e complementares, dos significados de Eros. E, segundo os pressupostos de Gilbert Durand (1997), essa mitologia pode nos servir como matriz do pensamento para compreendermos a ênfase dada numa das faces de Eros nas diversas culturas, ou nos diversos momentos históricos de uma mesma cultura.

Considerando o imaginário não como um simples conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação. E sim como uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas; as imagens organizam-se de acordo com certa lógica, certa estruturação, de modo que a configuração mítica do nosso imaginário depende da forma como arrumamos nele nossas fantasias. É dessa configuração que decorre o nosso poder de melhorar o mundo, recriando-o, cotidianamente, pois o imaginário é o denominador fundamental de todas as criações do pensamento humano (DURAND, 1997).

Schiller (1995) em suas investigações setecentistas sobre o belo e a arte identificou que as culturas são as responsáveis por valorizar o impulso sensível, em detrimento do racional ou o contrário, enfatizar os princípios e menosprezar os sentimentos. De semelhante forma, entendemos que as culturas tendem a realçar uma das faces de Eros, desprezando a que ficou escondida.

Pois bem, seguindo esse raciocínio foi que resolvemos perguntar do(s) significados(s) do

erótico na cultura brasileira, mas como fazê-lo? Sabemos que há diferentes maneiras metodológicas de irmos ao problema: seja pela análise do discurso de entrevistas, pela mitoanálise proposta por Durand ou por Yves Durand através do teste arquetípico dos nove elementos (AT-9). No entanto, fomos atrás também da linguagem, mas da linguagem léxica. O léxico apesar de se propor a ser apenas conjunto de significados etimológicos das palavras, de suas acepções ou formações gramaticais, percebemos que nele está plasmado o imaginário de uma cultura.

As bases duais e acéticas da gramática (masculino-feminino; plural-singular, substantivo-adjetivo, verbo transitivo-verbo intransitivo [...]) não conseguem afastar a função fantástica da língua: a trama de relações entre subjetividade, cultura e sociedade. Afirmamos isso com base em Deleuze e Guattari, para estes “a unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem” (1997, p.12). No entendimento desses autores, a fala, fundamentalmente, nem é informação nem é expressão de um sentimento, mas é comando. A linguagem é “palavra de ordem”, seu fim não é transmitir o que viu, mas comunicar o que ouviu — “discurso indireto”.

É o discurso indireto que caracteriza a linguagem humana, dizem os autores (1997, p.13). Os outros animais podem até transmitir o que viram, como no caso das abelhas, mas não conseguem comunicar para outras o que lhes foi transmitido. Por isso, há relações além das extrínsecas, aquelas que descrevem uma ação de modo indicativo, ou provocá-la de modo imperativo. Existem também relações intrínsecas entre a fala e determinadas ações que se realizam quando estas são ditas¹, tais como: prometer, interrogar, ordenar, jurar [...]. Essas relações imanentes dos enunciados com os atos implica em três conseqüências lingüísticas: primeiro, não se concebe a linguagem como código, nem a fala como transmissão de informação; segundo, não se define semântica e sintaxe independente da

¹ - Essas relações foram classificadas por Austin como pressupostos implícitos ou não discursivos em dois grupos: o performativo, o que é feito quando “o” falamos, e o ilocutório, o que é feito quando falamos (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.14-15)

pragmática, que é o pressuposto das demais; terceiro, não se distingue língua de fala, pois o sentido e a sintaxe da língua se definem a partir dos atos de fala (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 15).

Nessa concepção, pensamos a linguagem como uma relação de intersubjetividade que sustenta os atos da fala. Em outras palavras, a relação imanente dos enunciados com os atos, pressupostos não-discursivos, são coordenados por agenciamentos coletivos de enunciação. Portanto, segundo Deleuze e Guattari, a linguagem não é comunicação de informações, mas transmissão de palavras de ordem, ou seja, não é significância abstrata da comunicação, antes “ambas dependem da natureza e da transmissão das palavras de ordem em um campo social dado” (1997, p. 17).

Esse é o caráter social da enunciação, aquele que remete os atos da fala aos agenciamentos coletivos impessoais. São os agenciamentos que determinam os processos relativos de subjetivação e as atribuições de individualidade. E isso ocorre durante os atos imanentes à linguagem, atos que estão em redundância com os enunciados ou criam palavras de ordem. Esses atos, por sua vez segundo Deleuze e Guattari “se definem pelo conjunto das transformações incorpóreas em curso numa sociedade dada, e que se atribuem aos corpos dessa sociedade” (1997, p. 18).

De modo que perguntar sobre em que consiste um ato de fala é chegar ao agenciamento, as ações e as paixões que afetam os corpos. A expressão de um enunciado é um ato, mas sua capacidade de transformar o corpo é o agenciamento. Guattari e Deleuze exemplificam essa distinção: “Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioria, aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade. ‘Você não é mais uma criança [...]’: esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões. A transformação incorpórea é reconhecida por sua instantaneidade, por sua

imediatidade, pela simultaneidade do enunciado que a exprime e do efeito que produz. (1997, p. 19).

Como as variáveis pragmáticas de uso são interiores à enunciação, e formam os pressupostos implícitos da língua, então o agenciamento coletivo é a própria linguagem. Visto que sua função não é remeter a uma informação significativa nem a uma comunicação intersubjetiva, mas é remeter aos regimes de signos. Assim, “a função-linguagem é transmissão de palavras de ordem, e as palavras de ordem remetem às transformações incorpóreas que constituem as variáveis da função” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 26). Ao conceituar assim a linguagem, tomamos o verbete *erótico* nas versões do Dicionário de Aurélio — Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, e Novo Aurélio, Versão Eletrônica —. Neles nos propusemos a descobrir o caráter social da enunciação, os agenciamentos coletivos que comandam os atos da fala. Pois entendemos que a acepção brasileira desse vocábulo na maior obra léxica do país² pode revelar tanto as significações dominantes quanto a definição de subjetivação individual.

Nesse entendimento teórico-metodológico buscamos desvelar o campo social e psíquico da enunciação do vocábulo *erótico*, ou seja, as palavras de ordem ou os agenciamentos de enunciação postos na sociedade brasileira. Fazendo isso estaremos identificando não só a relação instantânea dos enunciados com as transformações incorpóreas, mas também mergulhando na subjetivação que afeta os corpos — a fantasia, o imaginário.

² No Prefácio do AURÉLIO ELETRÔNICO, os editores da Nova Fronteira afirmam que o Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, “tem sido [desde que fora publicado em 1975], e continua a ser, o principal e mais difundido instrumento de informação lexicográfica da língua portuguesa no Brasil. Sintética e completa, a obra reúne o maior número de palavras em um só volume até aqui registrado, com explicações claras e um enorme acervo de abonações literárias, além de informações adicionais. A resposta do público não se fez esperar: em suas várias versões, para diferentes níveis de solicitação e universos de consulentes, já foram publicados quase 15 milhões de exemplares, tornando o termo “Aurélio” metonímia de dicionário no Brasil”. In: CD-ROM.

O amor e o corpo dessexualizado

“Erótico, adj. Relativo ao amor; sensual; lúbrico; lascivo”, conceitua Aurélio no Pequeno Dicionário. Já na Versão Eletrônica, diz: [Do gr. *erotikós*, pelo lat. tard. *eroticu*.] Adj. Relativo ao amor. Inspirado pelo amor; que tem o caráter de lirismo amoroso; Inspirado ou provocado pelo erotismo. Sensual, lascivo”.

Mesmo que no Novo Aurélio o verbete erótico tenha ficado no elenco das palavras relacionadas ao amor, na “pesquisa reversa”, mas fica claro que a natureza deste é outra. Em nossa língua a acepção do termo amor é bem diferente.

No Pequeno Dicionário, Amor é substantivo masculino. “Afeição profunda; conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual; afetos a pessoas ou coisas, paixão; entusiasmo”. A versão eletrônica complementa: “Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção extrema. Sentimento de afeto ditado por laços de família. Sentimento terno ou ardente de uma pessoa por outra, e que engloba também atração física, por exemplo, atração física e natural entre animais de sexos opostos”. Há também as expressões: “Amor passageiro e sem conseqüência; capricho. Aventura amorosa; amores. Adoração, veneração, culto: amor a Deus. Afeição, amizade, carinho, simpatia, ternura. Inclinação ou apego profundo a algum valor ou a alguma coisa que proporcione prazer; entusiasmo, paixão. Muito cuidado; zelo, carinho”.

Seja qual for a versão, nos parece que há uma tendência em definir a substância do amor como “sentimento, afeição profunda, dedicação”, que pode até englobar a “atração física”, mas esta ou está relacionada a coisas de animais ou está em meio ao “conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos”. Isso significa deslocar substitutivamente a natureza do amor, de algo vigoroso para algo intelectual, terno, desprovido de força e vida. Pelo que transparece no significado vocabular é que este amor é entendido como um acontecimento de ordem masculina de natureza racional e afetiva. Um sentimento que catalisa a suavidade do

carinho, a delicadeza do trato e a solidez bondosa e regrada da intelecção.

E ainda, o amor, nessa cultura de maior influência católica, positivista e civilizatória burguesa, qualifica seus amantes como sujeitos afetuosos, de emoções controladas, benevolentes e cortesias nas relações. São aqueles que desejam sempre o bem de outrem. São dedicados a família e devotos a Deus. Por isso, são zelosos, apegados bem, carinhosos, ternos, cuidadosos.

Esse amor-sentimento é atribuído a uma “pessoa de caráter”. Fazendo uma crítica diria, essa pessoa tem ‘*armadura de caráter*’, nas palavras de Wilhelm Reich (1976). Pessoa que cria rigidez muscular para com a qual o corpo humano protege-se da propensão natural à exuberância erótica, que anima a vida.

De acordo com seus substantivos e adjetivos este amor aparece no léxico brasileiro como honroso; logo, devendo ser aspirado por todos como o amor-ideal. É o amor substantivado como “fenômeno cerebral-afetivo”. Ou melhor, um amor sublimado e como tal caracteriza-se em negar o pulsional e repudiar o erótico. Um corpo ausente de fantasias inconscientes, de perversão. Enfim, um corpo dessexualizado.

O erótico e o corpo rebaixado

Diametralmente oposto encontra-se o entendimento de erótico, substantivado no conceito de lubricidade. Aurélio esclarece que o erótico é adjetivo e não substantivo. Entende-se que o erótico não é a substância do amor, mas apenas uma qualidade. Nas duas versões do Dicionário de Aurélio, “Lubricidade [Do lat. tard. *lubricitate*.] é substantivo feminino. Qualidade de lúbrico; (Figurativo) lascívia, sensualidade, cabritismo”. Enfim, erótico é uma espécie de amor lascivo e sensual; um amor periférico ou acidental. Isso é reforçado pelo substantivo de Eros, que na linguagem portuguesa, é Erotismo, substantivo masculino que designa “Paixão amorosa, amor lúbrico, lubricidade”.

Analisando o verbete erótico no Aurélio Eletrônico, versão integral – século XXI, as palavras que surgem na “pesquisa reversa” são: “Assanhado, carnaval, carnavalização, chegança, complexo de Édipo, erotizar, fetichismo,

homoerotismo, mengar, pedofilia, *pin-up*, pseudo-erótico, sadismo, sotádico, *strip-tease*, venéreo”. Nessas palavras é possível identificar a natureza do erótico em nossa cultura, assemelha-se a excitação, sincretismo, ritos pagãos, inversão dos códigos sociais, dança sensual, festa, folguedo popular, perversão sexual, doença, atos de violência, escritos licenciosos, poses, movimentos sensuais [...].

Do ponto de vista sócio-cultural, o vocábulo erótico está encharcado de significados pejorativos. Evidente que pejorativo não é apenas a compreensão do vocábulo, mas todo sentimento e comportamento que afronte o controle sócio-econômico exercido por uma determinada classe social. Para constatar os significados racistas e injustos, basta continuar dialogando com os filólogos brasileiros, ou melhor, com nossa cultura, e observar deles a semântica dos vocábulos: lúbrico, lascívia, sensualidade e cabritismo.

Nos dicionários “Lúbrico [Do lat. *lubricu* (adj.), por via erudita.] é adjetivo. Escorregadio, resvaladiço. Úmido ou liso a ponto de fazer escorregar. Fig. Lascivo, sensual”. Lúbrico é adjetivo do amor, não daquele amor sólido “cerebral-afetivo”, mas amor “dis-soluto”, aquele que dissolve, desagrega e desestabiliza. Amor-devasso. “[...] a ponto de fazer escorregar”. É amor não só que desvia do caminho da retidão, mas é tropeço que faz cair. Parece que o fim deste amor é colocar o(a) amante no “chão”, desestabiliza-lo da honrosa posição “de pé”, e coloca-lo na sarjeta (substantivo feminino).

Na versão do Pequeno Dicionário o verbete erótico só existia como substantivo feminino, depois isso foi alterado. “Lascívia [Do lat. *lascivia*.] S. f. Qualidade ou modos de lascivo. Luxúria, libidinagem, sensualidade, cabritismo. [Do lat. *lascivu*.] Adj. Brincalhão; travesso. Sensual, libidinoso, lúbrico; desregrado. Em que há ou como que há lascívia; sensual, libidinoso, lúbrico. S. m. Indivíduo sensual, libidinoso, lascivo”.

A substantivação feminina ou masculina desse amor caracteriza o(a) amante, como aquele(a) de “caráter lascivo”. Fala sobre a índole do sujeito como alguém que não tem firmeza de

propósito, mas é “desregrado, brincalhão e travesso”. Ao contrário do amor-afeição profunda, que se apresenta seguro nos propósitos de cuidar do outro, faz isso até com juramento.

Enquanto que o amor-afeto é “fenômeno cerebral”, controlado racionalmente, esse amor-lascivo é substantivado na luxúria — outro substantivo feminino. Um amor que qualifica o caráter do(a) amante como luxurioso, alguém descontrolado(a). É um incontinente, aquele que possui a “incontinência animal”, é animalesco, por oposição ao mental ou espiritual”, conceitua Aurélio em termos paralelos. É alguém desprovido da inteligência civilizatória ou os mecanismos de autocontrole e da vigilância de si próprio³. Em síntese, é um amante brincalhão, não quer nada sério, brinca com os sentimentos dos outros.

Outra característica do verbete erótico é Sensualidade [Do lat. tard. *sensualitate*.]. É definido por Aurélio como “Substantivo feminino. Qualidade de sensual; lubricidade; volúpia; lascívia, luxúria; sensualismo; cabritismo; amor aos prazeres materiais”. Novamente a substantividade feminina, aqui não há lugar para “afeição profunda”, para as coisas da alma ou do intelecto, mas só para os apetites, para as coisas que oferecem prazer aos sentidos corporais. É um amor relacionado aos sentidos, as sensações, ao corpo. A(o) amante é alguém aprisionada(o) as coisas do corpo, ou das efemeridades da carne. Despreza as coisas do espírito. Um amor carnal, profano, mundano. Um amor dionisíaco, instintivo, arrebatado, espontâneo, desordenado.

Cabritismo é o outro vocábulo que aparece. Cabrito + ismo é definido como “Substantivo masculino. (Brasileirismo) Sensualidade, lascívia, lubricidade, libidinagem. Moçambique. Corrupção; suborno”. O adjetivo que qualifica o(a) amante do amor-cabritismo é chamado de “cabritino, adjetivo, relativo a cabrito”. “Cabrito, substantivo masculino, pequeno bode; (brasileirismo) qualificativo dado as crianças; moreno, mulato”. Já o substantivo feminino cabrita significa também no brasileirismo “mulata, mestiça ainda nova”. Estes

³ - Sobre esse assunto sugiro a leitura de **Processo civilizatório**, volumes I e II de Norbert ELIAS.

dois vocábulos podem ser substituídos por uma única palavra, denominada cabrocha.

Sobre cabrocha define Aurélio como um substantivo de dois gêneros. É “Substantivo feminino, (brasileirismo) Rapariga, mestiça escura quase negra. Substantivo masculino (brasileirismo) indivíduo ainda novo, descendente de cabras; (Por extensão) qualquer mestiço escuro, lábios grossos, do cabelo pixaim (Variação: cabroche); mestiço de negro e mulato; mulato; (Amazônia) mestiço de índio e mulato”.

Todo esse desdobramento vocabular indica que culturalmente o sentido dado ao amor-cabritismo, ou amor-cabrocha, é aquele próprio das mulheres, “mestiça ainda nova” ou do mestiço escuro, lábios grossos e do cabelo pixaim. Um amor corporal, carnal, inferiorizado, selvagem, excremental. Pelo que transparece na análise semântica do adjetivo erótico, substantivado como erotismo, que talvez seja mais apropriado e original chamar de amor-cabrocha, é que esse amor é entendido como um acontecimento de ordem feminina (negra) e mestiça, de dissolução e incontinência. Se masculina é localizado na classe social subalterna. É da ordem do homem pobre, visto que uma variação do cabritismo na Bahia é o Cabrobó: “Substantivo masculino. BA. Indivíduo muito pobre, de pés no chão”.

Ainda relacionado ao cabritismo, temos o signo da cabra, cujo macho é o Bode. E este não por coincidência é substantivo masculino que também designa o Mestiço. E no figurativo significa: “Homem muito feio. Bras. Indivíduo libidinoso”. Próximo deste homem muito feio, com aparência de bode e libidinoso estão os sátiros: “S.m. Semideus lúbrico habitante das florestas, e que, segundo os pagãos, tinha chifres curtos e pés e pernas de bode; egipã. Fig. Homem devasso, luxurioso, libidinoso”. E não é por acaso que a figura dos sátiros se tornou o símbolo para tipificar o diabo. “Diabo S. m. representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas”. Para não enunciar o nome diabo, a superstição popular substitui-o por muitos outros, destacamos os que se assemelham com nossos indícios, tais como: “beijudo, bicho-preto,

bode-preto, excomungado, gato-preto, moleque, moleque-do-surrão, pé-cascudo, pé-de-cabra, porco, porco-sujo, sujo, tentação”.

Interessante destacar a relação sexual, étnica, social e religiosa que este vocábulo remete. Os eróticos estão sempre relacionados a mulher, ao mestiço, ao moreno, ao negro, ao mestiço, ao pobre. O branco não aparece. No léxico o branco, o rico, o homem culto está vinculado com o amor e não com o erótico. Também, em nenhum verbete relacionado ao termo erótico aparece com o significado de sentimento. Sentimento está destinado para designar o amor (afeição devocional). O erótico é tido como apetite sexual, desregrado e inferior. É um amor ininteligente pertencente aos “selvagens”, acidental e clandestino, porque é amor de “rapariga mestiça quase negra”.

Não é por acaso que vários substantivos relacionados ao tema do amor são masculinos, tais como: afeto, afeição, cérebro, sentimento, amor, entusiasmo. Expressões que designam comportamentos honrosos, respeitáveis e ideais. Enquanto que os substantivos do amor-lubricidade/cabrocha são na sua maioria femininos, tais como: lascívia, sensualidade, lubricidade, cabrocha, luxúria, sarjeta. Termos que expressam comportamentos desonrosos, infames e rejeitados.

A razão de ser destes vocábulos diz respeito a cinco séculos de história e de um processo de formação cultural espúrio, alienado e alienante, projetado pelo macho branco-conquistador-europeu-dominador. Mas não somente isso, o que está em jogo também, numa dimensão mais analítica, é a questão da sublimação. É a sublimação, entendida como “uma busca no mundo externo do corpo perdido da infância”, no dizer de Brown (1974, p. 336), que produz cultura, que gera civilização.

Por isso, podemos afirmar, a partir dos dados fornecidos pela nossa língua, que o erótico, no nosso universo simbólico cultural, foi sublimado pelo amor: afeição profunda-espiritual-racional. Em outras palavras, o **Eros corpóreo**, no projeto de civilização moderna e industrial, foi deslocado e substituído pelo **Logos incorpóreo**. No entanto, a psicanálise, teoria da suspeita,

insiste na afirmação da relação entre sublimação e analidade, sobre isso diz Norman Brown:

A tentativa mórbida de desfazer-se do corpo só pode resultar num fascínio mórbido (catéxis erótica) pela morte do corpo. Em linguagem simples e verdadeira, porque é corpórea, do inconsciente, Eros só pode ser desviado para a função excremental. Na verdadeira vida do corpo ao ser desviado para a função excremental. Na verdadeira vida do corpo o valor só pode ser desligado do corpo ao atribuir-se valor às excreções não corporais do corpo, que são ao mesmo tempo a matéria inútil produzida pelo corpo e que envolvem o morrer diário do corpo. Em termos mais técnicos, a analidade sublimada pressupõe o complexo de castração, a decisiva morte do corpo que, de acordo com Freud, dessexualiza e paralisa o pênis. Com a morte do pênis o centro da atenção erótica transfere-se para o corpo inútil por excelência: as fezes (BROWN, 1974, p.341).

Dessa forma, a sublimação, enquanto defesa de forma superior da vida contra a animalidade residual, encaminhada pelo projeto civilizatório burguês, macho-branco-europeu-católico, nega o Eros corpóreo em nome de subir além dele, atribuindo-lhe um lugar inferiorizado, atributo das “raparigas mestiças quase negras” e tendente para à imundícia e sujeira, termina, ironicamente, ativando a animalidade mórbida (analidade). Pois, “tentar erguer-se acima do corpo é igualar corpo e excremento. E o fascínio humano peculiar pelo excremento é o fascínio pela morte” (BROWN, 1974, p. 342).

Considerações finais

Ao analisar nossas reflexões teóricas, consideramos, portanto, que o erótico, no

imaginário apresentado no nosso dicionário maior, mais utilizado pelos brasileiros, difundido pelo macho branco-conquistador-europeu-católico, revela sim o preconceito sexual, racial e religioso.

O erótico é tido como coisa suja, própria da mulher, de gente mestiça, ignorante, pobre e pagã. Esse modo de perceber e sentir a erótica diz respeito apenas a uma face do mito grego de Eros. Assim, nossa cultura ao tornar Eros infame e o Amor um fenômeno cerebral-afetivo, ativa-se o fascínio pela morte: iguala-se o corpo a excremento e dessexualiza a vida.

Referências

BROWN, Norman. **Vida contra morte**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 2. 2. reimpressão, RJ: Ed.34, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. SP: Martins Fontes, 1997

ELIAS, Norbert. **Processo civilizatório**. RJ: Jorge Zahar, 1990 (vol,1 e 2)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa**. 11.ed. RJ: Civilização Brasileira, s/d.

NOVO AURÉLIO. Dicionário de língua portuguesa. Aurélio Eletrônico, Versão Integral – Século XXI. RJ: Editora Nova Fronteira e a Lexikon Informática, CD-ROM, 2000.

REICH, Wilhem. **A revolução sexual**. 4.ed. RJ: Zahar, 1976

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. 3.ed.SP: Iluminuras, 1995

Sobre os autores:

Pierre Normando Gomes da Silva. Professor Doutor do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, do programa Associado de Pós-graduação em Educação Física (UFPE/UEPB). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Corporeidade, Cultura e Educação (GEPEC – <http://pedagogiadacorporeidade.yolasite.com/>).
E-mail: pierrenormandogomesdasilva@gmail.com

Eunice Simões Lins Gomes. Professora Doutora do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR-UEPB). Líder do grupo de estudo e pesquisa em Antropologia do Imaginário – GEPAI (<http://gepai.yolasite.com/>).
E-mail: euniceslgomes@gmail.com